

# ACOMODAÇÃO E RUPTURA: A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS DA CRECHE

ELAINE DE PAULA\*

## RESUMO

O texto a seguir resulta de uma pesquisa que teve como mote a compreensão de práticas educativas desenvolvidas em uma instituição de educação infantil pública no sul do Brasil. O recorte realizado para análise foi das relações estabelecidas entre os adultos e as crianças no interior da instituição, em especial nos momentos marcados pelos adultos como de transgressão por parte das crianças. Buscou-se também compreender as relações que as crianças estabeleciam entre si e as diversas estratégias criadas por elas na acomodação, resistência e reinvenção do cotidiano a fim de tornarem-se, em alguma medida, partícipes do espaço frequentado por elas diariamente. Como forma de dar visibilidade às manifestações das crianças sobre o que vivenciavam na instituição e também revelar as estratégias utilizadas por elas para os excessos de regulação, foram utilizados diferentes recursos, tais como: registro escrito, fotográfico (feito pela pesquisadora e pelas crianças), dramatização, literatura, desenho, bem como a captura das expressões faciais que as crianças utilizavam para comunicarem-se entre si. Os jeitos das crianças, em especial naqueles momentos em que instituíam modos diferentes de agir, indicam um aprendizado social de como lidar com as estruturas impostas e reforça a idéia de redes de aprendizagem construída no sentido horizontal, entre pares.

**Palavras chave:** Crianças; Participação; Transgressão.

Este texto busca suscitar algumas das reflexões levantadas em uma pesquisa realizada<sup>1</sup>, no ano de 2007, com as crianças de uma instituição de educação infantil pública.

Meu interesse nesse tipo de investigação partiu, em primeiro lugar, das inquietações que fui construindo ao longo do trabalho como professora de educação infantil e também da constatação empírica de um hiato existente entre o movimento e interesse das crianças no dia-a-

---

\* Doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina. [nane@ced.ufsc.br](mailto:nane@ced.ufsc.br)

<sup>1</sup> Refiro-me a pesquisa intitulada “Deu, já brincamos demais!” As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche: transgressão ou disciplina? Defendida no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.

dia da creche e daquilo que era proposto pelos adultos. Segundo, da convicção de que é possível ampliar a compreensão das atitudes 'transgressivas' das crianças, normalmente consideradas como negativa, como uma das maneiras utilizadas por elas para participarem daquele cotidiano. Entendia que romper conceitualmente com as conotações negativas da "transgressão", poderia, de certa forma, ajudar a superar a redução a que chegamos quando compreendemos a questão sob a ótica de uma única dimensão, ou seja, quando atribuímos a ela um único significado.

Em torno dessas inquietações foi que passei a fazer alguns questionamentos, especialmente em relação ao que se propugnava teoricamente como um direito das crianças no cotidiano da creche, inclusive sobre o seu direito de participação nas decisões e propostas dos professores. Por outro lado, tentei compreender a necessidade da existência de uma infinidade de regras impingidas, principalmente, às crianças. Em que medida as regras faziam sentido e se, de fato, as crianças cumpriam aquilo que estava instituído pelos adultos. Na tentativa, tanto de sintetizar as questões que eu levantava, como de procurar elucidar o viés da pesquisa, enunciei a seguinte questão: Quais nexos os professores atribuem às atividades das crianças quando estas se movimentam no intuito de subverter o que lhes é proposto? E as crianças, como lidam com as intervenções dos adultos?

Tracei, então, como objetivo central da investigação, buscar uma compreensão mais aprofundada das relações estabelecidas entre os adultos e as crianças na creche, em especial uma compreensão daqueles momentos em que se explicitavam conflitos entre as determinações de uns e de outros. Essa motivação ancora-se na idéia de que conhecer melhor essas relações pode ajudar a organizar práticas educativas que considerem, também, os desejos e as necessidades das crianças e, dessa forma, consigam favorecer uma educação que, na crítica ao excesso de regulação presente de forma hegemônica na contemporaneidade, contribua para um movimento contra-hegemônico, no sentido proposto pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos (1996). O autor propõe um projeto pedagógico *conflitual* e *emancipatório*, entendendo que o conflito serviria para desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano, indesculpavelmente causado pela iniciativa humana, fundamentada nas ideologias formadoras desses modelos.

*Esse olhar produzirá imagens desestabilizadoras suscetíveis de desenvolver nos estudantes e nos professores a capacidade de espanto e indignação e a vontade de rebeldia e de inconformismo. Essa*

*capacidade e essa vontade serão fundamentais para olhar com empenho os modelos dominados ou emergentes através dos quais é possível aprender um novo tipo de relacionamento entre saberes e, portanto, entre pessoas e entre grupos sociais. Um relacionamento mais igualitário, mais justo que nos faça aprender o mundo de modo edificante, emancipatório e multicultural.* (1996, p. 32, 33).

Antes de avançar em considerações sobre essa questão gostaria de salientar que é sobre as práticas educativas desenvolvidas no contexto das instituições de Educação Infantil contemporâneas que me referirei ao compor a narrativa do presente texto. Vale dizer, contudo, que, nos dias atuais, são diversas as propostas que norteiam a prática de cuidado e educação das crianças de 0 a 6 anos em espaços coletivos de Educação Infantil, portanto, também farei referência à reflexão de uma prática pedagógica que se direcione para a construção de uma Pedagogia da Infância<sup>2</sup> que tenta demarcar as especificidades do trabalho com as crianças, considerando-as como atores sociais e, portanto, sujeitos de direitos. Uma Pedagogia que propugna que as crianças possam ocupar seu lugar na história como sujeitos competentes, ativos e produtores de cultura.

A importância de buscar conhecer o que as crianças sentem, pensam e desejam advém de uma perspectiva teórica que considera as crianças como sujeitos sociais de direito pleno, sujeitos sociais competentes para dizer de si mesmos e para participar, junto com os adultos, da construção das propostas que as envolvam. Perspectiva que considera a ação humana e a alteridade como fatores fundamentais para a construção de relações autônomas que respeitem as diferenças sem deixar de combater as desigualdades sociais. Dessa forma, não vejo sentido na organização de um ambiente educativo de vocação democrática que não considere os interesses, desejos, direitos e necessidades das crianças, tanto quanto considera os dos adultos. Essa orientação assume uma postura crítica em relação às pedagogias que vêem as crianças apenas como *objeto* da ação educativa negando que a sua ação também conforma o processo, ou seja, entende que devemos deslocar a perspectiva de apenas fazer uma educação *para* as crianças e passar a orientarmos a uma educação feita, *também, com* as crianças.

---

<sup>2</sup> A possibilidade de construção de uma Pedagogia que inclua a reflexão sobre a participação, a alteridade e os direitos das crianças foi apontada na pesquisa realizada pela profa. Eloísa Acires Candal Rocha (Rocha, 1999), a partir da análise da produção brasileira apresentada em reuniões científicas das áreas de história, psicologia, educação e ciências sociais.

Como essa perspectiva é razoavelmente recente, carecemos aprofundar o conhecimento sobre as crianças, mas aprofundá-lo levando em conta o que elas têm a “dizer”. Resgatá-la das visões redutoras que as confinam nas instâncias institucionais como a família e a educação formal, sem levar em conta o que elas, as crianças, percebem sobre este mundo e as relações aqui estabelecidas. Tal direcionamento nos empurra para a necessidade de ampliar as pesquisas no intuito de conhecer as crianças, bem como o de ampliar o esforço de *tradutibilidade* entre estes dois modos de ver o mundo – o adulto e o infantil – separados, no mínimo, por uma diferença geracional, mas não livres de estarem marcados por diversas outras diferenças e desigualdades tais como, classe social, gênero, etnia, crenças religiosas, etc. No caso da *tradutibilidade*, segundo Santos, é importante explorar as possibilidades de um diálogo intercultural na troca entre diferentes saberes e culturas<sup>2</sup>, por meio de uma proposta que ele designa por “hermenêutica diatópica”, cujo objetivo seria,

*(...) maximizar a consciência da incompletude recíproca das culturas, através de um diálogo com um pé numa cultura e outro pé, noutra. Daí o caráter diatópico. A hermenêutica diatópica é um exercício de reciprocidade entre culturas que consistem em transformar as premissas de argumentação de uma dada cultura em argumentos inteligíveis e credíveis noutra cultura. (SANTOS, 2003, p. 33).*

Com o intuito de apreender os diferentes aspectos do que ocorria no ambiente de investigação e obter a compreensão do fenômeno em sua totalidade, decidi realizar uma pesquisa de observação participante, inspirada nos estudos de tipo etnográfico. Assim utilizei diferentes estratégias: registro escrito com base nas observações feitas, entrevistas, registro fonográfico e registro fotográfico (em algumas situações as crianças foram as fotógrafas).

Além de compor a narrativa em torno daqueles momentos marcados por um tom de “transgressão” daquilo que estivesse (explícita ou implicitamente) estabelecido, optei também por privilegiar a expressão das crianças para falar das relações estabelecidas entre elas próprias e entre elas e os adultos no interior da creche. As manifestações das crianças foram capturadas ora através da expressão oral registrada por escrito ou gravada, ora através da expressão gráfica, registrada nos desenhos que as crianças produziram para

---

<sup>2</sup> O significado que atribuo à cultura fundamenta-se no conceito atribuído por Geertz (1989), ou seja, como ‘sistema simbólico’, caracterizando assim a cultura como a construção de sentidos e significados sobre as coisas.

expressar/explicar algumas situações, ou ainda por meio de brincadeiras de faz de conta, bem como através da expressão do corpo, trejeitos e/ou caretas muitas vezes capturadas nos registros fotográficos.

Pareceu-me que este caminho, por destacar pontos de conflito na relação entre os adultos e as crianças ali, naquele ambiente, trazia consigo um potencial revelador de tais relações. Esse potencial é particularmente importante no caso em que se tem, como acontece neste trabalho, a intenção precípua de contribuir para afirmação de um projeto político-pedagógico centrado no deslocamento da regulação para a emancipação, um movimento de desconstrução das energias regulatórias conforme estão postas neste momento de 'modernidade tardia'.

Essa diretriz ajuda a compreender porque, ao analisar o cotidiano da creche, entendi que seria importante fazê-lo a partir da manifestação das crianças, pois, segundo minha hipótese, elas representam, nas relações com os adultos, o pólo de menor ingerência nas decisões e o discurso menos ouvido. Seus desejos e necessidades pouco têm sido levados em conta na organização das práticas educativas que são muito mais produzidas *para* elas do que com o espírito de envolvê-las no próprio processo de produção das atividades.

Com base nos pressupostos citados acima, esclareço que a perspectiva teórica principal direcionou-se para os estudos recentes da Sociologia da Infância que consideram as crianças como sujeitos sociais de direito pleno, sujeitos sociais competentes para dizer de si mesmos.

## **MATIZES DO TERMO TRANSGRESSÃO**

Minha intenção ao examinar as ações das crianças na creche foi a de procurar perceber se existiriam aspectos emancipatórios naquelas ações consideradas pelos adultos como de transgressão.

A idéia foi aglutinar elementos teóricos e empíricos que permitissem romper os limites formais do ato de transgressão em si e alargar a visão de dimensões subjacentes que o termo possa carregar. Assim, procuro trazer aqui o significado de transgressão das crianças como os jeitos que elas encontram para superar o que lhes é imposto, determinado, na busca de sua dimensão de alteridade e, portanto, como o cerne do processo de descoberta, de criação, enfim de participação, os quais, articulados ao processo de reprodução co-editam as transformações socioculturais que empreendemos ao longo do tempo.

Meu primeiro movimento foi, então, de natureza conceitual, ou seja, procurar discutir o significado de transgressão. Observa-se que ao longo da história, em uma perspectiva "civilizatória", o transgredir tem

aparecido com uma conotação sempre ligada ao proibido, encontra-se o termo como sinônimo de *subversão*. Nos dicionários de Língua Portuguesa, Aurélio e Luft, *transgressão* aparece associada à infração, violação, desobediência, portanto, com uma conotação adversa à ordem social estabelecida. Etimologicamente, a palavra transgressão vem do latim **transgredi** e significa “ação que leva uma pessoa a atravessar uma fronteira para outros mundos.”<sup>3</sup>.

Em busca que realizei no banco de teses e dissertações armazenado na CAPES não encontrei (até 2006) trabalhos na Educação Infantil que tivessem (nos títulos, nas palavras-chave ou nos resumos) utilizado o termo transgressão como mote das discussões. Na busca em outras bases de dados, que incluíam também livros e periódicos, localizei o termo, e uma boa surpresa: algumas dessas fontes faziam referência a aspectos que se coadunam com a perspectiva que procurei colocar aqui. Veja-se, por exemplo, o texto de Peter McLaren (2002), **“Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação”**, no qual, ao falar sobre a resistência dos alunos, a conceitua da seguinte maneira: “são tentativas intencionais ou conscientes por parte dos estudantes de subverter ou sabotar a instrução dos professores ou as regras e normas estabelecidas pelas autoridades escolares”. (p.128). Um outro exemplo pode ser encontrado na tese de doutorado da professora Manuela Ferreira (2002) **“A gente aqui o que gosta mais é de brincar com outros meninos!”**, indicando que as crianças lançam mão de estratégias para transgredir as ordens instituídas pelos adultos, revelando que os espaços dos ‘jardins de infância’ se constituem como espaços de múltiplas interações com sentidos diversos e confrontos entre as deliberações dos adultos e as ordens instituintes das crianças.

Para a antropóloga Neusa Gusmão (2003), em um artigo intitulado **“Antropologia, processo educativo e oralidade: um ensaio reflexivo”**, o sentido de transgressão pode ser exemplificado pelo comportamento das crianças que, ao perceberem as coisas que as circundam, as consideram contraditórias, nas quais as regras são incompreensíveis na sua lógica de ver o mundo. Agem, assim, de maneira diferente procurando entendê-lo, o que não significa desobediência, mas a forma pela qual as crianças compreendem o entorno em que estão envolvidas. Também o antropólogo Raul Iturra vai na mesma direção quando vaticina que transgredir “é parte do conhecimento experimental da criança que compara o real que lhe acontece, com o real introduzido pelos adultos que, ou reduzem o real

<sup>3</sup> Cf. [www.rbleditora.com/revista/ingles/eliane44.html](http://www.rbleditora.com/revista/ingles/eliane44.html), visitado em 10 de setembro de 2006.

unificando-o ou inventam histórias onde a criança não se vê ou se reconhece”. (apud GUSMÃO, 2003, p. 204).

Os exemplos sobre o assunto em pauta acima citados e outros que encontrei, mas não cito diretamente (SANTOS (1996); BATISTA (1998); PRADO (1998); SOUZA (1998); CAMPOS (2000); COUTINHO (2002); SILVA (2003); MARTINS FILHO (2005); AZIBEIRO (2006)), indicam que há respaldo para se insistir na perspectiva de perceber a “transgressão” para além da conotação negativa que tem pesado sobre o termo.

Segundo Iturra, tanto as crianças, quanto os adultos transgridem, porém, penso que as crianças por terem pouca privacidade e estarem de maneira mais constante sob a vigilância dos adultos são mais suscetíveis de serem ‘descobertas’ nas suas transgressões. No entanto, mesmo sob vigília, seus movimentos ainda não se enquadraram nos ditames de um sistema que prima pelo homogêneo e que lhes é preexistente, logo, as crianças não deixam de criar situações ‘ilícitas’ para viverem experiências em que se reconhecem como autoras de suas práticas e que definem seus papéis sociais, ainda que provisoriamente.

Dessa forma, a transgressão passa a ser para a criança um meio de ela viver ao revés da ordem ditada pelos adultos, e, paradoxalmente, é assim que elas fazem valer seus direitos de pensar por si, de tomar decisões, de participar.

Cito a seguir uma passagem que presenciei para justificar as reflexões que faço sobre o fato de as crianças assumirem, em alguns momentos, o rumo das cenas:

Quatro crianças estavam sentadas em uma mesa fazendo recorte e colagem: Emília, Duda, Abano, Maicon. (na creche, Emília é a mais antiga do grupo, porém mais nova de idade com relação a Duda e Maicon). Tuana, que até então estava em outra mesa, aproxima-se e mostra às crianças uma figura de batom. Duda e Emília são as únicas a se interessarem pela figura. Emília pega da mão de Tuana e aprecia. Duda fala:

*-Emília, tu sabes que eu tenho um batom na minha mochila?*

*-Então deixa eu vê, pega lá!* - respondeu Emília rapidamente.

*-Ah é, não pode, a professora não deixa* respondeu Duda.

Indignada, Emília retrucou:

*-Mentirosa, mentirosa, tu não tem nada.*

E Duda com ênfase falou:

*-Tenho sim que vê, pega lá Elaine.*

Rapidamente, lhe devolvi a solicitação:

*-Por que tu não pega?*

E Duda me disse:

*-Porque eu não posso, tu é que é uma mulhé grande, eu sou menina.*

Emília, em tom brabo fala:

*-Vai Duda, pega lá! Oxa!*

Duda levanta as sobrancelhas e mexe a cabeça negativamente.

Emília continua;

*-Vem aqui oh!* Emília pega na minha mão e do meu lado as duas caminham lentamente até a mochila; os olhos arregalados miravam constantemente a professora.

Quando chegam perto da mochila Emília a abre, mas é Duda quem pega o batom e o mostra a Emília dizendo:

*-Olha aqui oh!*

Nesse momento a professora que avistou as meninas com o batom lhes disse:

*- Agora não é hora de batom, façam o favor de guardar.*

Duda guardou, mas exclamou em tom de satisfação:

*-Visse como eu tenho um batom!*

Emília levantou os ombros e não disse mais nada.

(Registro escrito - 08/08/2006)

A passagem acima parece nos mostrar que a criança, mesmo não tendo legitimadas suas ações, evidencia sua condição de sujeito ativo e faz valer sua vontade, ainda que na clandestinidade.

Por que as 'transgressões' das crianças são consideradas negativas? Talvez uma das respostas esteja na hegemonia de uma estrutura igualitária pelo avesso, em que o agir diferente é considerado ameaçador a um contexto sociocultural considerado legítimo, porque pretensamente universal. Tentemos então refletir sobre o que alerta Neusa Gusmão: "Educar tem sido o meio pelo qual o diferente deve ser transformado em igual para que se possa submeter, dominar explorar em nome de um modelo cultural que se acredita, universal e humano". (1999, p. 43)

A criança se solta das amarras da submissão quando extrapola o real instituído e quando institui, a partir da sua imaginação, um campo de possibilidades de ação, de reação e renovação daquilo que lhe é apresentado como imutável, principalmente quando compartilha esta ação com os seus pares. O cerne dessa capacidade e da ação transformadora decorrente dela, identifico, nessa pesquisa, como **transgressão de resistência**, a qual entendo configurada como aquelas ações das crianças que advêm da construção de novos sistemas de valores partilhados entre os pares, de regras e estratégias criadas por elas para alcançar seus interesses. Isso me leva a considerar tais ações como não naturais ou intrínsecas às crianças, mas deliberadas por elas intencionalmente. Essas ações possibilitam às

crianças a prolongarem seus intentos, seus interesses, principalmente quando existe cumplicidade entre elas, somando forças.

A transgressão constitui-se então um modo de experimentar e de agir que se diferencia do que está posto na ordem social em geral, daquilo que observei na ordem *microsocial* dos espaços da educação infantil. Ao buscar então perceber e interpretar este mundo, a criança deflagra uma nova ordem. Como apoio ao que argumento aqui, cito Gusmão:

*O sentido de transgressão pode ser exemplificado pelo comportamento da criança que ao ver, ouvir e perceber o mundo a sua volta, percebe que o mundo do adulto, cheio de obrigações e deveres, é um mundo contraditório, cujas regras e normas não oferecem um entendimento claro à sua mente infantil. Assim, busca fugir de seus deveres e das obrigações instituídas para testar sua compreensão das coisas, seu entendimento do mundo. Portanto, a criança explora, rebela-se, zanga-se e cria um mundo onde espelha o que recebe e redimensiona com seus iguais. Cabe, porém, perceber que tal comportamento não é desobediência planejada à autoridade dos que se iniciam na vida, mas é a forma e a maneira pelo qual a criança comprova se o seu julgamento é razoável ou não. (2003, p. 204)*

A transgressão das crianças não é de natureza intrínseca ou entidade ontológica, mas resultado de sua maneira de ver o mundo, das experiências vividas no seu entorno, das imposições hierárquicas e das relações compartilhadas com aqueles que se tornam cúmplices de suas criações, as outras crianças. Tudo isso se torna conteúdo para o repertório imaginativo das crianças, fazendo-as construir novas maneiras de agir sobre o real do qual elas fazem parte e alcançar, assim, seus intentos.

Acredito, portanto, que a transgressão não seja apenas oposição aos adultos, mas a expressão dos desejos, dos sentimentos e dos conhecimentos das crianças que extrapola a espontaneidade de uma mera ação. As crianças não querem apenas incorporar os valores do mundo adulto, a construção de sua capacidade de inconformismo e indignação (Santos, 1996) diante das situações que lhes são apresentadas ainda não lhes foi roubada, portanto, sua participação não é uma apropriação passiva, mas uma reconstrução por meio da qual procuram dar sentido a um sistema de regras, reconstrução esta que, muitas vezes, foge ao controle e entendimento dos adultos. Vale então citarmos a afirmação de Azibeiro: “Essa transgressão, em geral, pode significar introduzir – ou perceber – o inusitado, o inesperado em nossas ações e reações, levando à reflexão e à tomada de posição, pelo

deslocamento de significados enrijecidos, cristalizados” (2006, p.87). Isso poderia desnaturalizar o olhar dos professores, levando-os à recuperação do “espanto” e da “indignação”, de que nos fala Boaventura Santos, contribuindo para a desestabilização do que é banalizado diariamente no processo educativo, e para a emancipação dos sujeitos, livrando-os da regulação por um sistema que oprime tanto adultos quanto crianças.

Alguns profissionais da creche em que a pesquisa foi realizada parecem ter consciência de que as regras existentes funcionam como limitantes das ações das crianças, mas que nem por isso as crianças as aceitam pacificamente. Embora considerem necessário o estabelecimento dessas regras, não consideram de todo negativo o rompimento destas pelas crianças.

*Muitas vezes considera-se que as crianças transgridem, mas acho que elas querem mesmo é brincar, mexer, descobrir. Nós temos que colocar regras e é difícil lidar com aquilo que é certo para os adultos mas que não é certo para as crianças. Nós percebemos a contestação deles daquilo que é proibido, no olhar. As vezes não se consegue fazer com que todos sigam o que é proposto. A criança transgredir quando ela usa formas para burlar as normas impostas e no final acabar fazendo o que querem, as vezes até sem o adulto perceber. (Professora: Susi,)*

A capacidade de transgressão das crianças pode fazer com que os adultos percebam outras maneiras de ver o que está tipificado como *normal* na realidade, pode fazer com que os adultos se admirem com o que a criança pensa e manifesta quando destoa daquilo que seria ‘adequado’ para sua idade e tamanho. O conflito de saberes e modos de ação podem criar ‘modelos’ alternativos de pensar a realidade. É preciso, portanto, compreender a visão e lógica subjetivas das crianças.

Mais uma vez constatemos sua lógica diferenciada:

Uma das crianças, Abano, demonstrou não gostar de beterraba ralada que lhe foi servida pelo adulto no horário de almoço e acabou criando uma maneira de se livrar dela. Deixou que alguns pedaços de beterraba ralada ‘caíssem’ do seu prato.

Tuana, ao flagrá-lo, disse-lhe:

- *Ai, ai, ai, vou dizê prá professora.*

Abano, com o dedo indicador sobre os lábios, respondeu: –*Não... é uma minhoquinha que quê i pra casa.*

(Registro escrito - 05/04/2006)

A 'transgressão' nos indica que a criança não está inteiramente subjugada a um espaço uniforme. Ao transgredir ressalva sua capacidade de crítica, de pró-atividade e criação, mesmo diante da interdição do mundo dos adultos. As crianças criam brechas para viverem como crianças e, muito mais do que descobrir, as crianças reinventam caminhos para atingir seus interesses e desejos. "A infância não é nunca o que sabemos (é o outro dos nossos saberes), mas igualmente é portadora de uma verdade diante da qual devemos colocarmo-nos em posição de escuta" (LARROSA apud GUSMÃO, 1999, p. 51. grifo do autor).

Construir novos cenários para que as crianças possam, junto com os adultos, protagonizar as cenas e decidir o itinerário da história é compreender que elas não apenas reproduzem o que lhes é imposto, mas também, por meio de sua imaginação e transgressão, criam novos desfechos para aqueles enredos que pareciam predeterminados.

Mais uma vez percebe-se o papel importante daqueles adultos que cuidam das crianças e as educam. Dessa forma, concordo com a proposta da professora Gilka Girardello :

A atitude dos adultos no ambiente em que a criança vive faz também uma diferença: a qualidade da vida imaginativa das crianças se beneficia de um ambiente favorável ao seu *faz-de-conta* e onde os adultos estejam também em contato com *a sua própria* vida de fantasia e consigam apontar o mundo para as crianças de modo sugestivo e inspirador. (2005,p. 34)

Ora, apesar de perceber que é por meio do confronto das diferenças que há possibilidade de instituição do novo, por que ainda se nega o diferente? Por que ainda insiste-se em realçar o prefixo negativo que carrega a criança como incapaz, incompetente, imatura? Seria insuportável vê-la abalar o 'mundo da ordem'? Segundo Gusmão, "(...) as crianças são também um 'outro', estrangeiro no mundo dos adultos e assim, vistas como sujeitos inacabados da condição humana" (1999, p. 42. Grifo da autora).

Penso que este seja mesmo um dos desafios da educação: trabalhar com o novo, com as diferenças, com a alteridade. Contudo, apesar do discernimento acerca dessa necessidade, encontram-se justificativas para a efetivação daquilo que proclamamos teoricamente como indispensável, como no depoimento de uma das professoras:

*A gente ainda está tentando trabalhar com as diferenças, estamos aprendendo, algumas coisas deveriam ser permitidas, mas temos 20 crianças.  
(professora Vânia)*

Ao se ignorar a dimensão de alteridade das crianças, também não se reconhece sua subjetividade e sua maneira diferente de conhecer, pensar e agir; toma-se como lógica dominante aquilo que é narrado apenas pelo adulto. Essa 'outra' criança precisa então ser pensada como igual dentro de suas diferenças. Vale lembrar, conforme nos alerta a antropóloga Clarice Cohn, que, "a diferença entre as crianças e adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa" (2005, p. 33). Assim, essa distinção de saberes, de ações e de expressões é resultado das experiências e situações vividas pelas crianças e dos contextos em que estão inseridas, logo, sua identidade é única, apesar das múltiplas trocas e relações que estabelece com outras crianças, adultos e meio. Essas singularidades *plurais* fazem com que as crianças interpretem e signifiquem as coisas de maneira diferente dos adultos, portanto, agindo também de forma diferenciada. Isso é que pode possibilitar que rompam o enquadramento a elas destinado pela ordem e relações sociais dominantes e reinventem, por meio de sua imaginação e questionamento, espaços mais dinâmicos e criativos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, PORÉM, PROVISÓRIAS**

Tentei realizar, durante a pesquisa, um esforço teórico e empírico de reflexão, procurando explicitar e mesmo destrinchar um emaranhado de questões que dizem respeito, principalmente, às ações das crianças que se configuram como transgressão na relação com os adultos, e assim delas tomar consciência, o que, acredito, ser o primeiro passo para instalar a mudança.

Para os objetivos desse texto, recorto parte das análises que fiz durante o período de investigação na creche e levanto as seguintes considerações: há uma hierarquia nas relações sociais entre adultos e crianças, expressa no poder do adulto e materializada sob a forma de regras a que chamo na pesquisa de 'explícitas' e 'implícitas', ainda que sob a égide do respeito ao outro, da proteção às crianças ou da organização do ambiente. Conforme observações recolhidas, embora não houvesse embate face-a-face como reação das crianças aos adultos, elas reagiam "clandestinamente" ou ainda com a saída de cena dos adultos. Compreendi ser essa uma das maneiras utilizadas por elas para alcançar seus intentos, para fazer escolhas e tomar decisões.

Interpretei então que as crianças, de fato, não seguem a todo tempo as determinações dos adultos. Elas revelam, na relação entre os pares, certo grau de cumplicidade na formulação de estratégias através

das quais buscam burlar algumas das regras a elas impostas. Isso, em geral, acontecia, principalmente por iniciativa daquelas crianças com mais tempo de vivência naquele ambiente da creche, as quais persuadiam as novatas a agirem com elas. A meu ver, este fenômeno indica um aprendizado social de como lidar com tais estruturas e reforça a idéia de redes de aprendizagem construídas no sentido horizontal (entre pares).

Após percorrer toda essa trajetória de investigação, minha convicção é que a análise dos resultados aponta possibilidades pedagógicas interessantes para aqueles que apostam no reforço das energias emancipatórias e no desmonte do excesso de regulação que se evidencia no modelo de educação institucional predominante em nossa sociedade. Naturalmente não tenho a ingenuidade de entender que as mudanças de modelo social possam ser feitas apenas pela tomada de consciência dos problemas existentes no interior deste, mas, ao mesmo tempo, acredito que sem uma tomada de consciência fica impossível apontar uma direção para um projeto político mais amplo de mudança social.

Logo, não tenho a ingenuidade de não perceber que o grande fator limitante de um processo desse feitio é a estrutura das relações de poder instaladas em cada formação social. Quanto mais arraigada estiver a estrutura de manutenção de uma determinada ordem, mais difícil será permitir aflorar estes movimentos e esta contribuição das crianças para a cultura em geral.

Dentro de um quadro como este se torna muito difícil encontrar energias para construir as mudanças necessárias a uma vida melhor, a um mundo solidário principalmente. Compreendo que nada seja simples e banal quando se trata das relações em sociedade. Minha aposta é a de que, ao exercitarmos um movimento de reflexão e crítica sobre aquilo a que dedicamos nossas energias, possamos ir construindo as saídas. Não podemos, e não devemos, fechar os olhos diante daquilo que também nos faz reproduzir: a hierarquização, a homogeneização e a banalização da vida, nossa e dos outros.

No meu entender, não dar a devida importância ao *outro criança* é parte de todo esse processo social que aponta a desumanização como meta. Valorizar as perguntas e respostas 'simples' que as crianças fazem no cotidiano das nossas vidas poderá nos levar a questionar aquilo que é banalizado, justamente porque já não sabemos mais olhar de outra forma tudo aquilo que está a nossa frente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZIBEIRO, Nadir Esperança. *Educação Intercultural e Comunidades de Periferia: limiares da formação de educador @s*. Tese (Doutorado em Educação). 2006. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSC, Florianópolis.
- BATISTA, Rosa. *A rotina no dia-a-dia da Creche: entre o proposto e o vivido*. 1998. 176-F. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-Graduação em Educação, UFSC, Florianópolis.
- COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COUTINHO, Ângela M. S. *As crianças no interior da creche: A educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*. Dissertação (Mestrado em Educação). 2002. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSC, Florianópolis.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. *A gente o que gosta mais é de brincar com os outros meninos*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Universidade do Porto, Portugal, 2002.
- GEETZ, Clifford. *As interpretações das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. A Imaginação Infantil e as Histórias da TV. In: Construir Notícias. *Em Busca Do Imaginário Infantil*. n. 21, mar./abr. 2005, p. 34.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia, processo educativo e oralidade: um ensaio reflexivo. *Revista Pró-Posições*. UNICAMP, Campinas, SP, v.14, n.1(40),jan./abr.2003, p. 204.
- ITURRA, Raul. A epistemologia da infância – ensaio de antropologia da educação. *Educação, Sociedade e Cultura*, nº 17, 2002, p. 135-154.
- MACLAREM, Peter. *Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- MARTINS FILHO, José Altino. *Crianças e Adultos na Creche: Marcas de uma Relação*. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, 2005.
- PAULA, Elaine de. "Deu, já brincamos demais!" As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche: transgressão ou disciplina? Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- PAULA, E. Novos murmúrios sobre as metodologias de pesquisa com crianças pequenas: desafios e rupturas. *Revista Contrapontos*. Programa de Mestrado em Educação-Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI. V.8, p.131-146, 2008.
- PAULA, E. Os muitos jeitos de ser e fazer das crianças: criação ou transgressão? *Revista Eletrônica Zero-a-Seis*. CED/UFSC. Nº 14, 2006.
- ROCHA, Eloisa A.C. *A pesquisa em educação infantil. Trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil*. Florianópolis; UFSC, CED, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer Para Libertar. Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. Para uma Pedagogia do Conflito. In: *Novos Mapas Culturais. Novas Perspectivas Educacionais*. SILVA, Luiz Heron da (et al). Porto Alegre: Sulina, 1996.
- SCHÜLER, Donald. *Império Caboclo*. Florianópolis. EDITORA:UFSC, 2005.
- [www.rbleditora.com/revista/ingles/eliane44.html](http://www.rbleditora.com/revista/ingles/eliane44.html). Acessado em 10 de setembro de 2006.